



Nuno Costa Santos

Crónicas do Corpo Santo

Os Cães das Ilhas

O Corpo Santo é um bairro de gatos. De gatos magros e amolecidos, que, sem qualquer respeito pela História e por outras fadigas, se refugiam debaixo dos carros em busca de calor. O Yeti, gato lá de casa, encontrado, quando cria, nos perigos automobilísticos do Caminho de Baixo, também gosta de realizar a fantasia de ir para debaixo das viaturas estacionadas. Isso: à procura de invernos ar condicionado. Quando estamos junto à porta, do lado de dentro, espreita, no seu modo felino, para ver se consegue concretizar essa proeza mínima que lhe dá vasto regalo. E aborrecimentos de ocasião aos donos. Se resolve fugir para mais longe, começa a miar, num desespero de filho esquecido na escola. É um gato ao mesmo tempo selvagem e doméstico - como muitos gatos, sim. Quer evadir-se de casa mas não consegue viver sem ser em casa. Conhecemos muitos humanos assim.

Sou, já o escrevi algures, mais bicho de cães do que de gatos. Não é tão literário mas é o que se arranja. Teria menos conversa com Julio Cortázar e Manuel António Pina. Cresci com cães, muitos cães, de raças, personalidades e amabilidades diferentes. Minto sobre a questão literária. Houve um cão, em casa dos meus pais, chamado Gorki. Não sabia o escritor russo que iria ser também um revolucionário cão de fila de São Miguel. Em paterna homenagem cinematográfica, também houve um Kilas. Se era mau da fita, como a personagem do filme de José Fonseca e Costa? Um pouco. Não era o mais normativo dos seres, circulava com uma certa loucura. Os meus pais, que já tiveram mais de uma dezena de cães de fila, têm hoje uma família numerosa da raça. São cinco os cães de fila lá em casa, alguns de porte, digamos assim, importante. À atenção de, diremos, curiosos.

Nestes dias passados em casa dos pais da Sara, do outro lado do Monte Brasil, tenho o olhar para os três cães da raça Barbado da Terceira que aqui existem e vivem. Um deles, a propósito, transporta o literário nome de Adília. São vivos, esportos e patuscos estes cães pastores com a barba por fazer, de quando em vez sujeitos a necessárias tosquiadas. Aceitemos os feitos alheios. Dois deles são amáveis. Outro é mais

arredio. Ladram quando chega o carro, quando sentem outras presenças. Ao abrir-se o portão correm, animados, entre latidos muitos. Depois voltam para o lugar de origem, território de passeios e sons. São como o gato Yeti. Mas ao refúgio no calor dos carros preferem o livre capricho de uma correria em conjunto.

Já o havia percebido e confirmei-o pelas leituras. O Barbado da Terceira liga-se muito ao dono e com ele segue nos seus percursos. É um bom cão de guarda, ladrando a tudo o que soe estranho à sua porção de terra e tem-se tornado cada vez mais, pela simpatia doméstica, um seguro cão de companhia. Veio de barco para o arquipélago depois do povoamento para ajudar os homens na actividade pecuária. A partir dos anos 70 do século passado ganhou importância. Nos anos 90 foi estudado, nas suas características, por Deoleciano Silva. E em 2004 obteve reconhecimento pelo Clube Português de Canicultura de Portugal. Calhou-lhe um bom número: é a décima raça portuguesa. Mais uma informação: existe uma Associação Açoriana dos Criadores dos Cães Barbados da Ilha Terceira.

Seguindo uma pista facebookiana, resolvi ligar a Tiago Bettencourt, da Quinta Monte do Capitão, em Porto Martins. Tiago dedica-se, na sua profissão, à mecânica de motas mas cultiva, num registo *freelance*, profícuo interesse por estes cães, mantendo, como caniculator, o designio de que a raça seja reconhecida fora das fronteiras portuguesas. Começou a sua actividade com uma, diz ele, "sorte de principiante", na Ilha de São Miguel, onde morou durante alguns anos (contou-me de uma oficina que tinha no Cabouco). Aí cruzou dois cães transportados em tempos diferentes da Terceira para São Miguel e uma ninhada gerou interesse. Hoje, tendo duas cadelas e um macho, vende cães para vários sítios, como a Holanda, país no qual existe um cão com algumas parecenças com o Barbado da Terceira, em versão diminuta. Por causa da pandemia, o holandês que costuma vir buscar os cães não tem vindo aos Açores. Ainda não havia referido: há barbados de diferentes cores. Passando por outros matizes, do amarelo ao cinza. Aqui

a modalidade é esta última.

Na minha demanda pelos cães das ilhas, para lembrar um romance de Maria da Conceição Caileiro, também liguei ao micalense Rui Medeiros Teixeira, reconhecido caniculator, com um histórico de 34 anos na área (trabalhou, imagine-se, com mais de 800 cães), e juiz internacional de inúmeros concursos. Lembro-me de associar sempre o Rui à paixão pelo cão de fila. Ele que, em matéria de competições caninas, acumula uma, passe o jogo verbal, fila de prémios nacionais e internacionais. O Rui hoje vive na aldeia (continental) da Ereira, onde, na sua quinta, depois de viver um tempo em Lisboa, voltou à sua longa actividade de criador. Ao seu hobby, como diz, caro. Cumpre a sua profissão numa bem sucedida loja de produtos açorianos no centro da cidade do Cartaxo, à espera de reabrir depois da pandemia.

Lembra uma fase em que se organizaram muitas exposições em São Miguel, incentivadoras de um grande interesse por uma raça integrante, tal como o Barbado, de uma das modalidades da identidade açoriana. É conhecido por "cão das vacas" por ter sido criado para acompanhar o gado. As primeiras referências que se conhecem tiveram lugar no século XIX. Só no ano de 1982 o cão de fila foi consagrado oficialmente. Curioso saber que o primeiro cão registado, de António José Amaral, foi uma cadela de nome bem micalense: Corisca.

Existem cães de fila, um cão com ligação grande ao dono e com desconfiança perante estranhos (é um talentoso cão de guarda), em várias partes do mundo, em países distantes como a Finlândia, o Canadá e Angola. E já há criadores fora de Portugal - em França, por exemplo. Continua a ser um cão essencialmente rural porque, segundo diz este histórico da raça, no chão doméstico das cidades, com tijoleiras e mármore, não crescem ou ficam com doenças.

No final da chamada, fico a conhecer um dado pelo Rui: nos EUA, há descendentes de açorianos que têm procurado os cães de fila de São Miguel. Modalidade bela, bonita e, se quisermos, original de se ligarem aos antepassados.

Câmara aprova apoio Táxi 65+, Cartão PDL Família Numerosa e a isenção de taxas municipais

Foram ontem aprovadas, por unanimidade, em reunião de Câmara, novas medidas de apoio às famílias e empresas do concelho de Ponta Delgada, no âmbito da Covid-19. São elas o apoio Táxi 65+, o Cartão PDL Família Numerosa e a isenção de taxas municipais.

"Aprovámos estas novas medidas para benefício das famílias e das empresas do concelho, continuando, assim, as políticas extraordinárias que estamos a executar desde o início da pandemia. Num momento de dificuldade acrescida para todos, é importante desagravar as vulnerabilidades acentuadas pela crise e estimular as condições para uma retoma célere e com confiança", explicou a Presidente do município, Maria José Duarte.

A edil sublinha que a autarquia "assumiu um compromisso muito claro e de-

terminado de implementar medidas de política social e económica para mitigar o impacto da pandemia nos grupos mais fragilizados da população e para apoiar as famílias e as empresas, dos vários sectores de actividade, num quadro de limitação das actividades económicas e de retracção da economia".

O Programa Municipal de Apoio à Mobilidade Sénior-Táxi65+ visa garantir um serviço organizado de transporte gratuito, através do serviço de táxi, que permita aos idosos a deslocação a consultas, tratamentos, internamentos e/ou exames complementares de diagnóstico e terapêutica, devidamente prescritos pelo Serviço Regional de Saúde.

O Cartão PDL Família Numerosa é uma medida municipal através da qual são concedidas, aos agregados familiares



compostos por três ou mais elementos, vantagens e descontos em vários bens e serviços, estando os respetivos critérios

para a sua atribuição e uso definidos em Regulamento.

Na reunião de Câmara foi também aprovada a isenção em 100%, de Março a Junho do presente ano, das taxas municipais associadas às empresas e ao comércio, designadamente as taxas do Mercado Municipal; as taxas relativas ao funcionamento de pavilhões, quiosques e similares ou as taxas relativas a ocupação de esplanadas e respetivos equipamentos.

Também as taxas relativas a venda ambulante e as rendas das concessões municipais e dos arrendamentos comerciais do Município, com excepção do estacionamento e estacionamento automóvel, estão isentadas em 100% de Março a Junho.

As medidas agora aprovadas serão submetidas a Assembleia Municipal, no dia 22 de Fevereiro.